



**José Vieira** (Livrção – 1991) é professor na Universidade de Pádua, investigador do Grupo 1 – Literatura e Cultura Portuguesas – do CLEPUL, membro do Projeto Dinâmicas Hipercontemporâneas (CLP, CLLC) e crítico literário. Tem publicado livros e artigos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, com especial incidência nas obras de Mário Cláudio, Tiago Veiga, José Saramago e Agustina Bessa-Luís, além de organizar diversos eventos culturais e congressos. Em 2020, publicou, em Portugal, na D. Quixote, com Celeste Natário, *Trilogia do Belo*. Nos *50 Anos de Vida Literária de Mário Cláudio*, e, em 2023, em Itália, com Barbara Gori, *Estudos Para Mário Cláudio*. Prefaciou, em 2021, *Embora Eu Seja Um Velho Errante*, de Mário Cláudio. De entre diversas publicações, destacam-se, pela Tinta-da-China, *A Verdade É de Papel. Ensaio para Tiago Veiga* (2024) e *A Escrita do Outro. Mentiras de Realidade e Verdades de Papel* (2025).

A Peregrinação de MÁRIO CLÁUDIO

Direção de José Vieira

# A Peregrinação de MÁRIO CLÁUDIO

## 55 Anos de Vida Literária

Direção de José Vieira

«A *Peregrinação de Mário Cláudio. 55 Anos de Vida Literária* congrega os textos de diversos estudiosos e especialistas da obra do autor de *Doze Retratos Portugueses*, que se reuniram em Amarante e Paredes de Coura, entre os dias 10 e 12 de outubro de 2024. Da biografia romanceada ao diário, da novela até à autoficção, Mário Cláudio rompe convenções e escreve sobre adultério e paixão, sobre a morte, o poder da história e da escrita, reescrevendo personagens, contextos e episódios. Justifica-se, portanto, este livro que reúne duas dezenas de especialistas de Portugal, França, Itália e Brasil, num claro sinal de vigor, pujança e vitalidade de uma obra viva e aberta que se renova e abre a cada leitura.

Como Álvaro de Campos foi menino para nascer duas ou mais vezes, Mário Cláudio também nasce todos os dias porque todos os dias se reinventa. Quem conhecer o narrador e o escritor das mais de 55 obras publicadas, conhecerá também muito da personalidade de um Homem enciclopédico, cavaleiro da Renascença, retrato garrido de Caravaggio, fuga de Bach, impressionismo de Debussy, deboche de Gershwin, primitivismo de Picasso, sócia de Orson Welles, romantismo de Camilo, descrição de Aquilino e gargalhada farta de Agustina.»

do Prefácio

Esta edição teve o apoio de:







A PEREGRINAÇÃO  
DE MÁRIO CLÁUDIO



55 ANOS DE VIDA LITERÁRIA



# A PEREGRINAÇÃO DE MÁRIO CLÁUDIO



## 55 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

**Direção**

José Vieira

**Organização**

José Vieira

Carlos Nogueira

Cândido de Oliveira Martins

Martinho Soares



D.QUIXOTE

Esta actividade é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/00077 – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.



Esta edição teve o apoio do Município de Paredes de Coura e do Município de Amarante.

Título: *A Peregrinação de Mário Cláudio – 55 Anos de Vida Literária*

Copyright: autores e © Publicações Dom Quixote, 2025

Direção: José Vieira

Organização: José Vieira, Carlos Nogueira, Cândido de Oliveira Martins e Martinho Soares

Autoria: Ana Paula Arnaut, Antonio Augusto Nery, Barbara Gori, Brunello Natale de Cusatis, Filipe Senos Ferreira, Gerson Luiz Roani, Guia Boni, Isabel Cristina Mateus, Isabel Cristina Rodrigues, Isabel Pires de Lima, Jorge Vicente Valentim, José Vieira, Mafalda Sofia Borges Soares, Mariana Caser da Costa, Maria da Graça Gomes de Pina, Maria Theresa Abelha, Naiara Barrozo, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Viviane Vasconcelos

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Revisão: Madalena Escourido

Capa: *design* de © Rui Rosa sobre fotografia cedida por © Mário Cláudio

Paginação: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: DPS – Digital Printing Services, L.<sup>da</sup>

1.<sup>a</sup> edição: novembro de 2025

Depósito legal n.º 556 046/25

ISBN: 978-222-225-176-7

Produto não comercializável

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide · Portugal

[www.leya.com](http://www.leya.com)

Este livro respeita as grafias escolhidas pelos autores de cada ensaio, quer sigam ou não o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Os direitos de utilização e reprodução da presente obra encontram-se reservados aos seus Autores e organizadores, sendo expressamente proibida qualquer utilização que exceda os limites do art. 75.º do CDADC. É ainda expressamente proibida a utilização da obra ou partes desta com o propósito de integrar bases de dados ou sistemas de inteligência artificial, ainda que com o único intuito de treino.

# A PEREGRINAÇÃO DE MÁRIO CLÁUDIO



## 55 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

ENSAIOS DE

Ana Paula Arnaut, Antonio Augusto Nery, Barbara Gori,  
Brunello Natale de Cusatis, Filipe Senos Ferreira, Gerson Luiz  
Roani, Guia Boni, Isabel Cristina Mateus, Isabel Cristina  
Rodrigues, Isabel Pires de Lima, Jorge Vicente Valentim, José  
Vieira, Mafalda Sofia Borges Soares, Mariana Caser da Costa,  
Maria da Graça Gomes de Pina, Maria Theresa Abelha, Naiara  
Barrozo, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Viviane Vasconcelos



# Índice

## **Prefácio**

*55 anos de escrita de um Homem-Literatura* 13

## **O não estranho caso de Mário Cláudio dramaturgo**

Ana Paula Arnaut 17

## **Questões anticlericais em *Apoteose dos Mártires*, de Mário Cláudio**

Antonio Augusto Nery 47

## ***Amadeo* e a sua versão italiana: considerações sobre as estratégias de tradução**

Barbara Gori 65

## **Traduzir Mário Cláudio (para o italiano): uma experiência pessoal**

Brunello Natale De Cusatis 85

## **Sobre a im-possibilidade dos sábios de livraria**

Filipe Senos Ferreira 101

## **“Morro porque não morro.” Martírio e construção da santidade em *Apoteose dos Mártires*, de Mário Cláudio**

Gerson Luiz Roani 127

## ***Triunfo do Amor Português* ou a língua do amor, da morte e da transgressão**

Guia Boni 153

|                                                                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b><i>Peregrinação de Barnabé das Índias: visões da história em Aquilino Ribeiro e Mário Cláudio</i></b>                     |     |
| Isabel Cristina Mateus                                                                                                       | 173 |
| <b><i>A vida póstuma de Camões</i></b>                                                                                       |     |
| Isabel Cristina Rodrigues                                                                                                    | 203 |
| <b><i>Ficção do contemporâneo na narrativa de Mário Cláudio: os romances <i>Ursamaior</i> e <i>Teoria das Nuvens</i></i></b> |     |
| Isabel Pires de Lima                                                                                                         | 219 |
| <b><i>A “prateleira hipotética” de Mário Cláudio ou Da arte de escrever prefácios</i></b>                                    |     |
| Jorge Vicente Valentim                                                                                                       | 239 |
| <b><i>Entre Mário Cláudio e Bernardo Soares: Mentiras e verdades de papel</i></b>                                            |     |
| José Vieira                                                                                                                  | 265 |
| <b><i>Entre Manhufe e Paris: itinerâncias de Amadeo de Souza-Cardoso no romance de Mário Cláudio</i></b>                     |     |
| Mafalda Sofia Borges Soares                                                                                                  | 287 |
| <b><i>Ler como quem pinta: estudos brasileiros sobre <i>Amadeo</i></i></b>                                                   |     |
| Mariana Caser da Costa                                                                                                       | 315 |
| <b><i>Entre o erótico, o jocoso e o infantil. Meiguices linguísticas nos sonetos fesceninos de Tiago Veiga</i></b>           |     |
| Maria da Graça Gomes de Pina                                                                                                 | 341 |
| <b><i>O xadrez dos nefelibatas</i></b>                                                                                       |     |
| Maria Theresa Abelha                                                                                                         | 365 |

|                                                                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Biografia e romance na escrita de vida de<br/>Tiago Veiga, um lugar literário</b>                                       |     |
| Naiara Barrozo                                                                                                             | 387 |
| <b>A mão que escreve <i>Amadeo</i>: pintura que fala</b>                                                                   |     |
| Teresa Cristina Cerdeira da Silva                                                                                          | 399 |
| <b>Sobre as imagens como representações<br/>do tempo: Agustina Bessa-Luís e Mário<br/>Cláudio ou o encontro dos afetos</b> |     |
| Viviane Vasconcelos                                                                                                        | 421 |
| <b>Notas biográficas</b>                                                                                                   |     |
| dos coordenadores do volume                                                                                                | 439 |
| <b>Nota biográfica</b>                                                                                                     |     |
| de Mário Cláudio                                                                                                           | 443 |



*TRIUNFO DO AMOR PORTUGUÊS*  
OU A LÍNGUA DO AMOR, DA MORTE  
E DA TRANSGRESSÃO

**Guia Boni**

Università degli Studi di Napoli “l’Orientale”



De cet oubli, très vite, je me réveille. Hâtivement,  
je mets en place une mémoire, un désarroi.

ROLAND BARTHES, *FRAGMENTS D'UN DISCOURS AMOUREUX*,  
1977

Non esistono ricordi condivisi, così come non  
esiste un solo modo di narrare una storia.

ALESSANDRO PIPERNO, *ARIA DI FAMIGLIA*, 2024

“A história nega as coisas certas”, escrevia Bernardo Soares (Pessoa 1982, 410), e as doze histórias apresentadas por Mário Cláudio no seu *Triunfo do Amor Português* confirmam-no. Cada história, mesmo a mais famosa, guarda sempre um recanto sombrio à espera de ser iluminado por uma personagem que até então não teve o dom da palavra. Como sintetiza de forma apurada Martinho Soares (2019, 33):

Em *Triunfo do Amor Português*, a medida do desespero de amor à portuguesa, proveniente dos equívocos, logros e angústias em que se vê enredado, é-nos dada através de focalizações heterodoxas, isto é, focalizações que, conscientemente, se afastam das convencionais, reescrevendo a História e acabando por conferir ao texto uma enorme versatilidade de vozes e dramatismo.

Uma versatilidade que não se resume à intriga, mas envolve estrutura, estilo e língua: “Entre a representação imaginária e a experiência da linguagem, a memória evoca as emoções necessárias à escrita” (Bessa-Luís 2004, 17).

### 1. *Uma estrutura densa*

Era nossa intenção debruçar-nos sobre o volume inteiro, mas, como sempre acontece com a prosa de Mário Cláudio, ela revelou-se tão cheia de sugestões, que nos limitaremos à segunda estória.

Contudo, é preciso situar o relato de D. Pedro e Inês na economia da recolha: são doze histórias em ordem cronológica, na maioria caracterizadas por um amor português e pelo desenlace infeliz.

|    | contos                                    | amor português | séc.          | happy end |
|----|-------------------------------------------|----------------|---------------|-----------|
| 1  | A bela menina                             | não            |               | sim       |
| 2  | D. Pedro I e Inês de Castro               | sim            | XIV           | não       |
| 3  | Leonor Teles e João Fernandes Andeiro     | sim            | XIV<br>XV     | não       |
| 4  | Roberto Machin e Ana de Arfet             | não            | XV            | não       |
| 5  | Luís de Camões e a infanta D. Maria       | sim            | XVI           | não       |
| 6  | Mariana Alcoforado e o conde de Chamilly  | sim            | XVII<br>XVIII | não       |
| 7  | D. João V e Madre Paula                   | sim            | XVIII         | não       |
| 8  | Tomás António Gonzaga e Marília de Dirceu | sim/Brasil     | XVIII<br>XIX  | não       |
| 9  | A Severa e o conde de Marialva            | sim            | XIX           | não       |
| 10 | Camilo Castelo Branco e Ana Plácido       | sim            | XIX           | não       |
| 11 | D. Pedro V e D. Estefânia                 | sim            | XIX           | não       |
| 12 | António Nobre e Alberto de Oliveira       | sim            | XIX           | não       |

Se quiséssemos inserir o livro numa fórmula, poderia ser: amor português igual a amor malogrado. O que não surpreende,

visto que, como já escrevia Denis de Rougemont (1988, 15) no seu clássico *O Amor e o Ocidente*, “O amor feliz não tem história”, como a afirmar a banalidade das famílias felizes de Tolstói. Paradoxalmente, o amor torna-se imortal quando é mortal.

Voltemos à nossa recolha para assinalar que a única narrativa que não cabe no modelo assinalado é a primeira – “A Bela Menina” – que desenvolve o tema de Amor e Psique, *topos* do amor não unicamente português, presente já nas *Metamorfoses* de Apuleio. Além disso, nesse conto, apesar do título da recolha, pouco ou nada temos de português, a não ser os nomes das personagens que poderiam ter sido traduzidos, bem como a maçã camoesa, originária de Azóia. Que se trate de uma história alheia, pertencente ao imaginário universal, é evidente desde o título, onde aparece uma única personagem, “A Bela Menina”, e não um casal, e também porque se trata do único caso a ter um desenlace feliz. Amor exemplar, amor mítico que funciona quase como um prólogo de redenção ao volume.

Há outra narrativa, a quarta, onde os amantes não são portugueses – trata-se dos ingleses Roberto Machin e Ana de Arfet –, mas a história deles está intimamente ligada à Madeira, onde foram sepultados antes mesmo de a ilha ter sido descoberta por João Gonçalves Zarco, em 1419. História também exemplar, relatada, como lembra o narrador, por Francisco Manuel de Melo na sua *Epanaphora amorosa*, de 1654.

Resumindo, a ordem cronológica começa por um «Era uma vez» perdido na noite dos tempos do primeiro conto e chega até finais do século XIX, quando António Nobre embarca para Paris levando consigo a lembrança de Alberto de Oliveira.

Histórias exemplares de amor malogrado que representam Portugal não só do ponto de vista geográfico, mas também histórico, apresentando personagens em carne e osso: poetas como Luís de Camões, Tomás António Gonzaga, António Nobre; prosadores como Camilo Castelo Branco; artistas

como a Severa ou reinantes como D. Pedro I, D. João V, D. Pedro V, ou infantas, ou freiras, ou madres ou esposas... Um panorama heterogéneo a demonstrar que ninguém pode fugir às setas de Cupido.

## 2. *Narradores inesperados*

Se o denominador comum da recolha é o amor atribulado que fez e faz correr rios de tinta, a peculiaridade deste volume reside, contudo, na escolha feita por Mário Cláudio de dar voz a um narrador impensado e impensável, testemunha e não protagonista pelo menos na história oficial.

|           | <b>contos</b>                             | <b>narrador</b>                                                                                                    |
|-----------|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1</b>  | A bela menina                             | 3.ª pessoa                                                                                                         |
| <b>2</b>  | D. Pedro I e Inês de Castro               | D. Fernando<br>(filho de D. Pedro e<br>D. Constança)                                                               |
| <b>3</b>  | Leonor Teles e João Fernandes Andeiro     | D. João, futuro Mestre de Avis<br>(meio-irmão de D. Fernando,<br>marido de Leonor Teles)                           |
| <b>4</b>  | Roberto Machin e Ana de Arfet             | 3.ª pessoa                                                                                                         |
| <b>5</b>  | Luís de Camões e a infanta D. Maria       | D. João III<br>(meio-irmão de D. Maria)                                                                            |
| <b>6</b>  | Mariana Alcoforado e o conde de Chamilly  | Peregrina Maria<br>(irmã mais nova de Mariana,<br>também ela no convento)                                          |
| <b>7</b>  | D. João V e Madre Paula                   | Soror Restituta das Chagas<br>de Jesus Salvador<br>(Bonifácia de Lemos Lamy, freira<br>do mosteiro de Madre Paula) |
| <b>8</b>  | Tomás António Gonzaga e Marília de Dirceu | Olímpia<br>(escrava de Marília)                                                                                    |
| <b>9</b>  | A Severa e o conde de Marialva            | Frederico Rebelo Borregana<br>(amigo de Severa e do conde)                                                         |
| <b>10</b> | Camilo Castelo Branco e Ana Plácido       | Ana Plácido<br>(amante e esposa de Camilo)                                                                         |

|           | <b>contos</b>                       | <b>narrador</b>           |
|-----------|-------------------------------------|---------------------------|
| <b>11</b> | D. Pedro V e D. Estefânia           | confessor de D. Estefânia |
| <b>12</b> | António Nobre e Alberto de Oliveira | 3. <sup>a</sup> pessoa    |

Somente em três contos o autor usa a terceira pessoa, o narrador extradiegético. No primeiro e no quarto, onde não há portugueses por protagonistas. Quanto ao último, “António Nobre e Alberto de Oliveira”, podemos imaginar, apesar da crítica que unanimemente nos convida a nunca confundir narrador e autor, que aqui o autor/narrador seja deveras Mário Cláudio, o qual dedicou três textos a António Nobre (Nobre 2000; Cláudio 2001; Cláudio 2004b), além do conto presente nesta recolha (Cláudio 2004, 235-254). Os restantes nove têm um narrador que pode ser um membro da família (um filho, no conto 2; meios-irmãos, nos contos 3 e 5; uma irmã, no conto 6; ou a esposa, no conto 10) ou uma pessoa mais afastada (uma freira, no conto 7; uma escrava, no conto 8; um amigo, no conto 9; e um confessor, no conto 11), mas sempre pertencente a um grupo restrito e íntimo que oferece uma perspetiva completamente inédita.

O volume, contudo, abre-se e fecha-se com um narrador externo, como a resguardar as vozes alheias, não protagonistas, das outras narrativas.

### 3. *O amor por antonomásia: D. Pedro I e Inês de Castro*

A história de Pedro e Inês, sobre a qual nos vamos debruçar, é universalmente conhecida e celebrada através de inúmeras reescrituras, releituras, traduções, adaptações<sup>1</sup>, sendo, portanto, desnecessário contar a intriga.

---

<sup>1</sup> Reenviamos para <https://fundacaoinesdaecastro.com/ines-de-castro/> [consultado em 13.11.2024].

Esta história, tornando-se mito, ou seja, expressão simbólica de um povo, corre o risco de se converter em clichê, com os seus papéis fixos, inamovíveis: protagonistas os dois amantes; co-protagonistas D. Afonso IV e os assassinios materiais de Inês; figurante D. Constança, a esposa legítima. D. Fernando, porém, filho legítimo e futuro rei, aparece simplesmente no pano de fundo. A ele, a quem a história presta atenção só a partir da sua subida ao trono; a ele, a quem a literatura não reserva nenhuma página imortal – a não ser os versos pouco clementes dos *Lusíadas* (“Do justo e duro Pedro nasce o brando / Vede da natureza o desconcerto!”), / Remisso, e sem cuidado algum, Fernando”, (III, 138) –; a ele, que sofreu na própria pele e no próprio espírito as consequências do amor malogrado de seus pais, Mário Cláudio dá voz num monólogo introspetivo onde se integram realidade e inconsciente que levam o protagonista a reler o próprio passado, em busca talvez de redenção.

D. Fernando começa por contar como, aos 15 anos – “rapazito tímido que eu era” (Cláudio 2004, 42) –, assistiu à macabra cerimônia que levou de Coimbra a Alcobaça o cadáver de D. Inês. A partir daí, reconstrói a própria vida como se fosse um *puzzle*.

A estrutura é muito apurada: 27 parágrafos que correspondem aos 27 anos de D. Fernando, quando o conto acaba, em 1372. Cada parágrafo é uma unidade narrativa que representa uma cena autónoma, à maneira das peças teatrais, mantendo, porém, uma correlação com os outros parágrafos, enquanto todos juntos reproduzem o fluxo da memória que funciona por associações.

D. Fernando é narrador homodiegético, sendo testemunha que assistiu pelo menos em parte aos acontecimentos. É uma personagem secundária da história de amor entre o pai e D. Inês, mas nesta narrativa torna-se protagonista, dando a sua versão dos acontecimentos. Temos, portanto, uma focalização

interna, sem distância narrativa entre o tempo da História e o do relato, o qual não é cronológico, mas começa em *medias res* – quando D. Fernando, aos 15 anos, assiste à exumação do cadáver de Inês – e abrange mais de três décadas, ou seja, desde a chegada a Portugal de D. Constança, em 1340, até à subida ao trono do protagonista, em 1367, e ao casamento com Leonor Teles, em 1372. O texto recorre frequentemente à analepse interna que, de certa forma, marca um ritmo sem dúvida acelerado: 32 anos subdivididos em 27 parágrafos implicam elipses implícitas e saltos temporais não assinalados: o conhecido sistema de drenagem da memória. E é a partir do final, como é evidente pelo uso do presente indicativo dos parágrafos 25-27, que D. Fernando olha para trás na busca vã de uma explicação para a sua angústia existencial. As únicas datas explicitadas correspondem ao nascimento de D. Fernando, ou seja, 1345 (Cláudio 2004, 50), e à subida ao trono do pai, D. Pedro, em 1357 (Cláudio 2004, 54).

A narração é deliberadamente estilizada em fragmentos afiados, a língua é evocadora duma época longínqua, mergulhando o leitor numa atmosfera estonteante onde o amor – seja ele adúltero, conjugal, amical ou filial – se mistura inextricavelmente com a morte. E no caso de D. Fernando, a partir de suas lembranças, ficamos com a impressão de que nunca foi amado: nem pela mãe, que não teve tempo porque morreu dando-o à luz; nem pelo pai, que ficou deslumbrado primeiro pela paixão amorosa e depois pela sede de vingança; nem pela esposa Leonor Teles, que preferiu outro homem. Não é por acaso que Mário Cláudio, quase a selar essa congénita carência de amor, dedica o conto seguinte a Leonor Teles e ao seu amante João Fernandes Andeiro: a história implacavelmente repete-se.

Através da tabela seguinte, analisemos a estória para ver como se encaixam as sequências narrativas, tendo em conta que cada parágrafo corresponde a um segmento do discurso e

tem um termo de correlação com a narrativa. Assinalamos entre colchetes as datas apontadas por nós para ajudar a enquadrar a cronologia.

| §   | acontecimento                                      | lugar               | tempo                       | Fernando      |
|-----|----------------------------------------------------|---------------------|-----------------------------|---------------|
| 1-3 | exumação de Inês                                   | Coimbra             | [1360]                      | 15 anos       |
| 4   | amizade entre D. Constança e Inês                  | Coimbra             | [1340]                      | não nascido   |
| 5   | Inês repara em D. Pedro                            |                     | [1340]                      | não nascido   |
| 6   | amor de D. Pedro e Inês – sonho                    | onírico             |                             | não nascido   |
| 7   | a pena de D. Constança                             |                     | [1340-]                     | não nascido   |
| 8   | amizade entre D. Constança e Inês                  |                     | ao cabo de um longo período | não nascido   |
| 9   | a pena de D. Constança                             |                     | [1345]                      | gravidez      |
| 10  | exumação de Inês                                   | Coimbra             | [1360]                      | 15 anos       |
| 11  | cortejo até Alcobaça                               | Coimbra<br>Alcobaça | [1360]                      | 15 anos       |
| 12  | chegada ao mosteiro                                | Alcobaça            | [1360]                      | 15 anos       |
| 13  | lembrança de D. Pedro                              |                     | era distante                |               |
| 14  | D. Afonso IV: a dúvida                             | Coimbra             | [1344]<br>antes do desterro | não nascido   |
| 15  | amor de D. Pedro e Inês                            | Coimbra             |                             |               |
| 16  | nascimento de D. Fernando<br>morte de D. Constança | Coimbra             | [1345]                      | recém-nascido |
| 17  | sofrimento de D. Inês pela morte da amiga          |                     | [1345]                      | recém-nascido |
| 18  | reação de D. Pedro à morte da esposa               |                     | [1345]                      | recém-nascido |
| 19  | abertura do caixão de Inês                         | Alcobaça            | [1360]                      | 15 anos       |
| 20  | esqueleto + beija-mão                              | Alcobaça            | [1360]                      | 15 anos       |

| §  | acontecimento                           | lugar    | tempo                                            | Fernando |
|----|-----------------------------------------|----------|--------------------------------------------------|----------|
| 21 | pena de D. Pedro                        | Alcobaça | [1360]                                           | 15 anos  |
| 22 | D. Afonso organiza o assassinio de Inês |          | [1355]                                           | 10 anos  |
| 23 | morte de Inês                           | Coimbra  | [1355]                                           | 10 anos  |
| 24 | vingança de D. Pedro                    | Santarém | 1357                                             | 12 anos  |
| 25 | pesadelo de D. Pedro: mãe               | onírico  | [1372]                                           | 27 anos  |
| 26 | pesadelo de D. Pedro: Inês              | onírico  | [1372]<br>já<br>casado<br>com<br>Leonor<br>Teles | 27 anos  |
| 27 | pesadelo de D. Pedro: pai               | onírico  | [1372]                                           | 27 anos  |

Como se vê, nos 32 anos da narrativa, dedica-se o maior número de parágrafos à exumação do corpo de Inês, presenciado por D. Fernando, os outros alternam-se entre contos alheios que englobam o período que precede o seu nascimento e a sua infância imediata, mas provavelmente também a atitude do avô e a reação do pai. É como se, apesar da coroa que ele traz, Fernando ainda não tivesse feito as contas com o passado.

#### 4. *Fontes incertas?*

Um passado transmitido ao longo dos séculos por autores de fama notória, como Garcia de Resende, Camões, António Ferreira, Francisco Manuel de Melo, Bocage... para citar unicamente os clássicos. Todos unidos no sentimento de compaixão por Inês.

Conhecendo, contudo, o rigor histórico que caracteriza a prosa de Mário Cláudio, podemos imaginar que recorreu ao primeiro historiador, ou seja, Fernão Lopes, e à sua *Crónica de D. Pedro*, escrita provavelmente a partir de 1434.

No capítulo XXVII, o cronista medieval começa com estas palavras: “Ja teendes ouvido compridamente, hu fallámos da morte de dona Enes, a rrazom por que a el-rrei dom Affonso matou e o grande desvairo que antr’elle e este rrei dom Pedro, seendo estonce iffante, ouve por este aazo” (Lopes 1966, 207). Na realidade, nos capítulos precedentes, Inês é apenas citada (Lopes 1966, 18 e 68) e não há nenhuma referência à sua morte. A única e rapidíssima alusão aos dois amantes aparece no último capítulo (XLIV) com a morte de D. Inês e de D. Pedro: “Como foi trelladada dona Enes pera o moesteiro d’Alcobaça, e da morte d’el-rrei dom Pedro” (Lopes 1966, 279-282). Não podemos saber se houve uma perda no texto, mas, ao que parece, o que interessa ao cronista não é o caso amoroso, mas as consequências da legitimação do casamento e dos filhos do casal (proclamada em 1360 por D. Pedro com a Declaração de Castanhede), e as suas implicações políticas na questão dinástica da coroa portuguesa.

Na narrativa de Mário Cláudio, temos, contudo, uma referência direta à crónica de Fernão Lopes: trata-se do episódio em que um moço é punido por D. Pedro por ter tido um caso com uma mulher casada. Esta pequena circunstância aparece no capítulo VIII e serve ao cronista medieval para traçar o retrato do futuro rei cognominado, não por acaso, “o justiciero” ou “o cruel”. Conhecemos igualmente o nome do protagonista, Afonso Madeira, e sabemos que a punição foi muito severa: o moço foi capado. Enquanto na narrativa de Mário Cláudio o moço foi compelido “a beber o mijo dos cavalos” (Cláudio 2004, 43), após ter sido apanhado por um frade num palheiro com uma mulher casada. Este episódio aparece no quinto parágrafo quando Inês se apaixona por Pedro. Se, por um lado, podemos imaginar uma denúncia de hipocrisia entre a moral que cabe aos outros e a que cabe ao infante, por outro, poderia tratar-se do retrato da época, onde o adultério era

prerrogativa da nobreza, como proclamado por André Capelão no seu *Tractatus de Amore* (c. 1186), com a exaltação da cortesia, a qual, nas palavras de Octavio Paz (1993, 15), era uma “aristocracia del corazón”.

Quanto ao resto da narrativa, Mário Cláudio adota a edição de 1735 e, em particular, o suplemento escrito por José Pereira Bayão: “Supplemento a esta chronica del-Rey D. Pedro I [...] de que o Author delle não trata” (Bayão 1735)<sup>2</sup>, onde o padre resume os acontecimentos que faltam, entre os quais as partes relativas ao casamento com D. Constança, ao nascimento do filho e aos amores com D. Inês. Há um indício que nos leva a imaginar que Mário Cláudio se tenha inspirado neste Suplemento: a data de morte de D. Constança Manuel. Enquanto a história oficial sustenta que D. Constança morreu entre 1349 e 1350, ou seja, poucos anos depois do nascimento do filho (1345), José Pereira Bayão e Mário Cláudio têm ideias convergentes, aumentando o *pathos* e fazendo coincidir o nascimento do filho com a morte da mãe<sup>3</sup>.

Esta narração autêntica, que ao mesmo tempo escolhe as próprias fontes para reverdecer um dos mais antigos mitos portugueses, conjuga-se com uma língua que adere à realidade do tempo e dos assuntos.

---

<sup>2</sup> O *Suplemento* é composto por 12 capítulos, pp. 401-562, onde se narram o casamento com D. Constança, o nascimento de D. Fernando (cap. I e II), o namoro com D. Inês (cap. III e IV), a preocupação de D. Afonso IV (cap. V), o conflito entre D. Pedro e Afonso IV (cap. VI), a legitimação dos filhos ilegítimos (cap. VII e VIII), a morte da mãe D. Brites (cap. IX), a coroação e trasladação de D. Inês (cap. X) – já tratada por Fernão Lopes – e outros assuntos que aqui não interessam.

<sup>3</sup> “O terceiro foy D. Fernando, que foy Rey de Portugal, sucessor de seu pay, e nasceo em Coimbra a 31 de Outubro de 1345 de cujo parto se originou tal infirmitade na Infanta sua mãy que veyo a falecer em 13 de Novembro proximo seguinte do mesmo anno” (Bayão 1735, 421); “Vestido das linfas e das peles do nascimento, arredavam-me da finada” (Cláudio 2004, 50).

##### 5. *Língua do amor, da morte e da transgressão*

A escolha lexicográfica aqui como alhures tende a mergulhar o leitor na atmosfera do tempo. Damos apenas alguns exemplos de palavras que têm como primeira atestação o século XIII: “folgança”, “jornada”, “saudar”, “mantel”, “fenestra”, “quejanda”, “arribar”, “garridice”, “boiada”, “sandice”, “espigar” e mais outras ainda que, como pinceladas, caem no papel dando-nos o tom da época.

Tudo se baseia no claro-escuro: o brilho do amor envolvente antitético ao matiz sombrio da morte, para representar uma realidade palpável, violenta, provocadora.

E no que diz respeito aos assuntos, enfrentemos a língua de amor, morte e transgressão, começando pela última.

A principal transgressão presente no conto é, pelo menos aos nossos olhos, o adultério, ou seja, a violação do dever recíproco de fidelidade previsto pelo casamento. O amor adúltero que ainda hoje provoca escândalos, faz tremer governos, enche as páginas dos jornais, parece passar quase despercebido no conto, pelo menos do ponto de vista lexical, a não ser pela única referência pejorativa – “barregã” – que D. Afonso IV atribui a Inês ainda antes de a conhecer.

D. Fernando sofre com a morte da mãe (causada por desgosto), o afastamento do pai, a presença incômoda dos meios-irmãos, mas nunca usa uma palavra sequer para estigmatizar o adultério; da mesma maneira, D. Afonso luta para a razão de estado, posta em causa pelo nascimento dos filhos de D. Inês e D. Pedro, os quais poderiam aspirar ao trono, mas não luta contra a ideia de adultério. O motivo, como já vimos, corresponde à representação fiel duma época onde o adultério representava uma conquista da nobreza. Num período onde, na classe aristocrática, o casamento era ditado por razões políticas, económicas ou estratégicas, o amor extraconjugal representava, pelo contrário, um sentimento singelo e livre. A exaltação do

adultério nasce no século XII, nas cortes provençais, e é comprovado pelo livro *Tractatus de Amore*, de André Capelão, que se difunde pela Europa românica, exaltando uma virtude laica, limitada às elites, um amor idealizado correspondente aos ideais de cavalaria, patente, em âmbito ibérico, na lírica galego-portuguesa. Eis porque a transgressão neste conto não é contemplada.

Vice-versa o binómio amor e morte é onnipresente. Começamos pelo segundo elemento.

#### 6. *As intermitências da morte*

O campo semântico da morte é o mais numeroso (48 ocorrências), facto natural visto que a ação começa em 1357, com a exumação do corpo de Inês. Contudo, o tema entra em surdina, primeiro está presente como invocação numa oração: (“balbuciei as orações que se costumava dizer ao Salvador do Mundo, a Santa Maria e a São Bernardo, a fim de que me não faltasse o alento na jornada que começava, nem permitisse Jesus que nessa mesma data viesse a morrer eu”, Cláudio 2004, 42), depois é introduzido pelo elemento sonoro dos carrilhões que “tocavam a finados” (*ibid.*), até chegar aos filhos “daquela que em breve seria desenterrada” (*ibid.*) que nós sabemos ser Inês, mas que não é mencionada pelo menos dentro das paredes dos dois mosteiros (Santa Clara e Alcobaça). Nos dois parágrafos seguintes (IV, que explora a amizade entre D. Constança e D. Inês, e V, que fala do amor que explode entre D. Pedro e D. Inês) não há nenhuma alusão à morte. E no parágrafo VI, que representa o momento onírico dos dois amantes, há uma menção, quase um trágico presságio do que o destino lhes vai reservar: “imaginando como seria da substância do além-Mundo a sua realeza”, (Cláudio 2004, 44). Avançamos três blocos (VII-IX) que têm por protagonista D. Constança, para chegarmos à saída do Mosteiro

de Santa Clara onde começa a delinear-se o panorama funesto com o transporte do “caixão”, do “esquife”, sobre “um carro forrado de crepes de cetim”, e a lembrança da morte através do “assassinato mofino” (Cláudio 2004, 47). No parágrafo XI, encontramos um novo sinónimo de “caixão”, “ataúde”, para os “funerais” referidos de forma oximórica à festa (“sendo uma festa aqueles funerais”, *ibid.*), todavia, a realidade tangível é explicitada pelo “cadáver” desenterrado que inexoravelmente fede. À medida que o cortejo se aproxima de Alcobaça, aumentam as referências à “morte”. Ao lado de “desenterrada” aparece “defunta” como se aos poucos D. Inês, tirada da terra, reconquistasse feições humanas. O *De Profundis*, entoado pelos monges, remete para o resgate religioso do “outro Mundo”. À morte de D. Constança dando à luz o filho (“arredavam-me da finada”, Cláudio 2004, 50) corresponde poeticamente a morte da natureza (“nevões poderosos que haviam sepultado os bichos e as flores”, *ibid.*). As reações à morte da amiga e da esposa são opostas, mas sem menção a qualquer elemento ligado ao falecimento (XVII-XVIII). É no parágrafo XIX que se concentram os elementos mortíferos quando finalmente se abre o fatal caixão e o adolescente é levado a ver o mórbido espetáculo: “caixão”, “sepultada”, “morte”, “ataúde”, “ossadas”, “herança de morte”, “ossadas encardidas”. Pela primeira vez na sequência da cerimónia fúnebre aparece por fim o nome Inês de Castro (“Destapou-se o caixão junto ao riquíssimo monumento, no qual quis Dom Pedro que ficasse sepultada Inês de Castro até ao fim do Mundo, à beira do outro, não menos formoso, que serviria de morada eterna do homem que tanto a amara”, Cláudio 2004, 51). Elã poético infelizmente perturbado pela cerimónia sinistra do beija-mão, quando o rei manda juntar o “esqueleto” à “caveira”, o “cavername” da “defunta” com aquela mão “descarnada” que pertence à “carcaça”. Depois deste clímax, as palavras relativas à morte diminuem. Lembram-se o “túmulo” que o rei mandou

construir para Inês e para si; a hesitação de D. Afonso (“o impelia a cortar pela morte os laços que uniam Pedro e Inês”, Cláudio 2004, 53) que, no final, se decide pela “pena capital”.

E nos três últimos parágrafos, naqueles onde D. Fernando é engolido pelo passado, pelo sofrimento, há uma sequência de termos que tocam um crescendo como que penitencial: “catre de morte” e “cadáver” (Cláudio 2004, 55); “caveira” e “sarcófago” (*ibid.*), com a anáfora da primeira sílaba “catre, cadáver, caveira” à maneira de badaladas que tocam a finados, para concluir com “sarcófago”, etimologicamente “que come/consome cadáveres”, o caixão que tudo encerra.

A D. Fernando faltou desde criança a pulsão da vida, e por isso nos seus pesadelos ele mesmo vai ao encontro de Thanatos, da morte, da autodestruição. O sentimento de amor parece ser-lhe alheio.

#### 7. “Amor ch’a nullo amato amar perdona”<sup>4</sup>

O campo semântico do amor tem menos ocorrências: 19 ao todo. Delas, é necessário distinguir a palavra “amante” que, quando é referida a D. Inês, desempenha unicamente uma função sinonímica não necessariamente caracterizada pelo sentimento amoroso (“entre meu avô e meu pai, a amante deste e meus irmãos bastardos”; Cláudio 2004, 50; “Encaminhava-se a amante pelo início de cada dia”, Cláudio 2004, 53). Pelo contrário, quando é Inês a pensar na distância que a separará de D. Pedro devido ao desterro, a mesma palavra assume um tom sentimental (XIV: “onde quase morreria de saudades do amante”, Cláudio 2004, 49).

Da mesma maneira, o sentimento amoroso é frequentemente mitigado pela presença de outros elementos que o

---

<sup>4</sup> Dante, Inferno, V, 103. Canto dedicado a um outro casal mítico: Paolo e Francesca.

remodelam em binómios. Amor/Loucura: quando D. Pedro pensa no amor que os envolveu, usa “Ao recordar a era distante em que vivera a mais insensata euforia de seus amores” (Cláudio 2004, 48), afirmação reiterada pela ideia de insensatez: “Apercebia-se de como fora feliz em sua quase sandice” (*ibid.*). A loucura de amor que arrasta o amante para fora de si.

Amor e morte, binómio que já ouvimos Inês pronunciar: “onde quase morreria de saudades do amante” (Cláudio 2004, 49). Este sentimento que supera a razão desliza inevitavelmente para a desgraça e para a maldição retroativa como acontece a D. Pedro (“a paixão maldita que não se extinguiu”, Cláudio 2004, 52), e o abraço de amor que se torna uma condenação (“os amantes, condenados desde o princípio do Mundo, num abraço”, Cláudio 2004, 55), como se, no fim das contas, passada a euforia dos primeiros tempos, o amor se revelasse fonte de desgraça e não de felicidade.

O sentimento amoroso é presente também em D. Constança, que confessa relativamente ao esposo: “muito o amou” (Cláudio 2004, 51), mesmo que, no parágrafo V, quando D. Inês fica cativa da virilidade de D. Pedro, a esposa quase se sinta enjoada pela mesma animalidade. Um amor retroativo, muito frequente nas histórias de traição, quando a saudade embebe o passado de um halo de felicidade ilusória. E quanto à relação entre D. Inês e o esposo, D. Constança não consegue pronunciar a fatídica palavra “amor” e prefere aviltar o sentimento com o termo genérico “afeição”, seguido por um adjetivo recriminador, “ilegítima” (Cláudio 2004, 45).

Afinal o que sobressai é que o amor, mesmo limitado a uma única narrativa, tem mil facetas e mil matizes, enquanto a morte é um bloco monolítico e asfixiante.

Além do riquíssimo aspeto lexical, não temos tempo para nos determos sobre a musicalidade que aqui é particularmente patente. Para não falar do andamento musical da sintaxe que

envolve o leitor num ritmo melódico, marcado por uma pontuação que parece uma partitura.

#### 8. *Um convite ao encantamento*

A lendária história de amor que tem D. Pedro e D. Inês por protagonistas sai totalmente diferente da imaginação de Mário Cláudio que consegue renovar a tradição com um jogo semântico, estilístico, musical de sábia prestidigitação como Agustina Bessa-Luís (2004, 15) soube condensar de forma magistral: “O *Triunfo do Amor Português*, recolhendo lendas, inventando situações e personagens, pertence ao campo semântico da palavra cuja origem é a do encantamento.”

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYÃO, José Pereira. 1735. *Suplemento a esta Chronica del Rey D. Pedro I. dos successos de sua vida, e acções suas antes de ser Rey, e outras cousas notaveis, de que o Author della não trata. Pelo Padre Jozè Pereira Bayaõ*. Lisboa Occidental: na Officina de Manuel Fernandes da Costa. Impressor do Santo Officio.
- BESSA-LUÍS, Agustina. 2004. Prefácio a Mário Cláudio, *Triunfo do Amor Português*. Lisboa: D. Quixote.
- CLÁUDIO, Mário. 2000. Prefácio a António Nobre, *Poesia Completa*, Lisboa: D. Quixote.
- CLÁUDIO, Mário. 2001. *António Nobre. Estudo para um autoretrato, António Nobre (1867-1900). Fotobiografia*. Lisboa: D. Quixote.
- CLÁUDIO, Mário. 2004. *Triunfo do Amor português*. Ilustrações de Rogério Ribeiro. Prefácio de Agustina Bessa-Luís. Lisboa: D. Quixote.
- CLÁUDIO, Mário. 2004b. *Páginas Nobrianas*. Porto: Caixotim.
- LOPES, Fernão. 1735. *Chronica delrey D. Pedro I deste nome, e dos Reys de Portugal o oitavo. Cognominado o Justiceiro [...]*. Lisboa Occidental: na Officina de Manuel Fernandes da Costa. Impressor do Santo Officio.
- LOPES, Fernão. 1966. *Crónica de D. Pedro*, edizione critica con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi, Roma: Edizioni dell'Ateneo.

- MACCHI, Giuliano. 1966. Introdução a Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, edizione critica con introduzione e glossario. Roma: Edizioni dell'Ateneo.
- PAZ, Octavio. 1993. *La llama doble*. Amor y erotismo. Barcelona: Editorial Seix Barral.
- PESSOA, Fernando. 1982. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ROUGEMONT, Denis de. 1988. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- SOARES, Martinho. 2019. *O Essencial sobre Mário Cláudio*, Lisboa: Imprensa Nacional.

OBRAS DE MÁRIO CLÁUDIO  
NAS PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE

***Tocata Para Dois Clarins***

(Romance)

***Trilogia da Mão:***

***Amadeo, Guilhermina, Rosa***

(Romance)

***Amadeo***

(Romance)

***Guilhermina***

(Romance)

***Itinerários***

(Contos)

***As Batalhas do Caia***

(Romance)

***Noites de Anto / A Ilha de Oriente***

(Teatro – co-edição com a SPA)

***O Pórtico da Glória***

(Romance)

***Henriqueta Emília da Conceição***

(Teatro – co-edição com a SPA)

***Peregrinação de Barnabé das Índias***

(Romance)

***O Estranho Caso do Trapezista Azul***

(Teatro – co-edição com a SPA)

***Ursamaior***

(Romance)

***Meu Porto***

(Álbum)

***Fotobiografia de António Nobre***

(Fotobiografia)

***O Anel de Basalto e Outras***

***Narrativas***

(Contos)

***Oríon***

(Romance)

***Gêmeos***

(Romance)

***Triunfo do Amor Português***

(Ilustrações de Rogério Ribeiro)

***Camilo Broca***

(Romance)

***Boa Noite, Senhor Soares***

(Novela)

***Medeia***

(Teatro)

***A Quinta das Virtudes***

(Romance)

***Tiago Veiga***

(Biografia)

***Retrato de Rapaz***

(Romance)

***O Fotógrafo e a Rapariga***

(Novela)

***Astronomia***

(Romance)

***Os Naufrágios de Camões***

(Romance)

***Tríptico da Salvação***

(Romance)

***Três Novelas: Um Verão Assim,***

***As Máscaras de Sábado, Damascena***

(Novela)

***Embora Eu Seja Um Velho Errante***

(Romance)

***Trilogia das Constelações:***

***Ursamaior, Oríon, Gêmeos***

(Romance)

***Teoria das Nuvens***

(Romance)

***Diário Incontínuo***

(Diário)

***Amadeo – Edição comemorativa***

(Romance)

***Cruzeiros de Inverno***

(Ficção)

